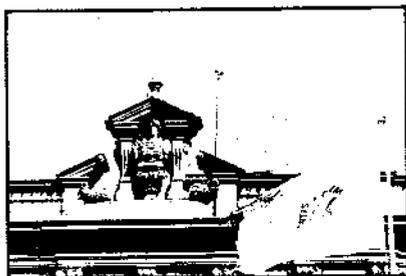


BEATRIZ DE ALMEIDA MAGALHÃES
RODRIGO FERREIRA ANDRADE

BELO HORIZONTE
UM ESPAÇO PARA A REPÚBLICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE: Um espaço para a República

MAGALHÃES, Beatriz de
Almeida, ANDRADE,
Rodrigo Ferreira de. Belo
Horizonte: Um espaço
para a República. Belo
Horizonte: UFMG, 1989.

Este livro é o resultado de dois anos de pesquisas realizadas pelos autores, ambos arquitetos por formação acadêmica, mas com especializações diferentes. Beatriz é artista plástica, pesquisadora de arte e arquitetura do Museu Mineiro. Rodrigo é mestre em urbanismo, é professor da Escola de Arquitetura da UFMG e atua em projetos e consultorias dentro da sua especialização. Isso é o que nos informa a leitura das primeiras páginas da obra, publicada no dia 15 de novembro do ano passado. A intenção de comemorar o centenário da República é óbvia, e explicitada pela Pró-Reitoria de Extensão, que a editou.

A história de Belo Horizonte já mereceu alguns estudos que enfatizaram aspectos econômicos, sociais, políticos e

administrativos. Agora ela se enriquece ao ser abordada como fato urbanístico.

Partindo de três fontes diferentes, que os autores chamam de "imagens", eles contam e mostram a história de Belo Horizonte, desde sua concepção até os dias atuais. Organizaram conjuntos inter-relacionados de determinadas configurações espaciais, de determinadas vontades, que vieram fazendo a história, destacando seus quadros, trazendo de volta o passado (e não voltando a ele) por rupturas, cortes, verticalização de instantes. Os decretos, os relatórios, os projetos dos administradores da cidade são registros que compõem "a primeira imagem", concebida, objetiva e conjuntural de Belo Horizonte. A "segunda imagem", percebida, subjetiva,

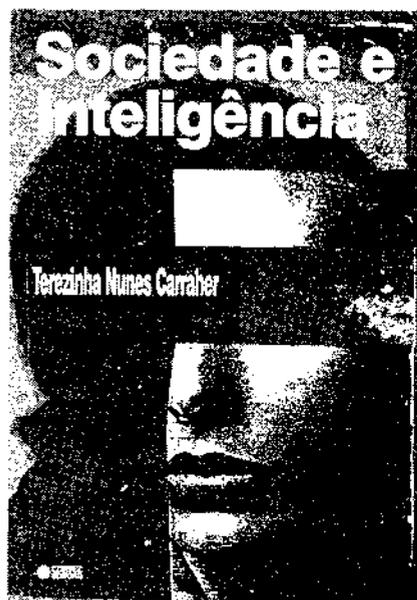
individual é composta pelos relatos, produção artística deixada por visitantes, cronistas, artistas e habitantes da cidade. Todas essas imagens, por sua vez, foram examinadas à luz de outras, situadas no âmbito conceitual, teórico e analítico. O resultado dessa combinação é o envolvimento do leitor com um conjunto de informações que apontam para o fato de que Belo Horizonte, uma cidade criada e implantada por um grupo de políticos, nega a racionalidade e a modernidade alardeada pelos republicanos. "Reapresenta velhas posturas espaciais" na "concepção, gesto e modo" no dizer dos autores, que terminaram dando mais um título à Capital Mineira, entre tantos outros que já recebeu: "Cidade Positiva: republicana, utópica e barroca".

Vale a pena ler esse livro, folheá-lo, detidamente, e depois sair pelas ruas e praças belorizontinas, reencontrando-se com a história nos monumentos e edificações, acrescentando novas perspectivas, criando novos

detalhes. Para quem não participa diretamente desta história, porque não vive na capital mineira, vale pela qualidade do trabalho, pelo convite implícito à busca de configurações, semelhantes ou não, que fazem histórias

urbanas, sociais, políticas, econômicas...

Maria Celeste da Silva
Carvalho
Profa. do Departamento de
Métodos e Técnicas de
Ensino - FAE/UFMG



Sociedade e Inteligência

CARRAHER, T. N. Sociedade e Inteligência, São Paulo, Cortez, 1989.

Em "Sociedade e Inteligência", Terezinha Nunes Carraher analisa a aprendizagem de crianças de grupos marginalizados na sociedade. Em particular, Terezinha Carraher questiona a concepção de que as dificuldades escolares freqüentemente apresentadas por crianças das classes populares refletem deficiências cognitivas resultantes de carências no ambiente dessas crianças. Terezinha Carraher questiona, um por um, os pressupostos contidos nessa afirmação, apresentando ao leitor uma concepção totalmente diferente, não apenas da aprendizagem de crianças marginalizadas na sociedade, mas do processo de aprendizagem humana de uma maneira geral.

O livro é dividido em quatro capítulos. O primeiro discute o conceito de inteligência do

ponto de vista dos testes de inteligência. A discussão está organizada em torno de duas questões controversas: que é medido pelos testes de inteligência e qual a origem das diferenças individuais nesses testes.

Para muitos psicólogos, os testes de inteligência são medidas de uma habilidade mental geral. Como Terezinha Carraher discute, no entanto, é possível que os testes de inteligência constituam medidas de habilidades mais específicas, relacionadas às atividades desenvolvidas na escola. Por exemplo, o desempenho desses testes nem sempre se correlaciona com o desempenho em tarefas intelectuais complexas de natureza não-acadêmica. Por outro lado, vários estudos mostram que o desempenho nos testes de inteligência é claramente influenciável pela escolarização.

Essas considerações já sugerem o tom da discussão sobre a origem das diferenças individuais nos testes de inteligência. Tradicionalmente, essas diferenças têm sido atribuídas a fatores genéticos. De acordo com Terezinha Carraher, no entanto, essa tradição pode ser questionada, tanto teórica como empiricamente. Por exemplo, é possível questionar os pressupostos do modelo da genética quantitativa, sobre o qual se apóiam os cálculos da porção das diferenças individuais atribuída à transmissão hereditária e da porção atribuída à influência do meio ambiente. Esse modelo supõe que a inteligência observada é o resultado da soma de fatores ambientais e fatores genéticos. O modelo não supõe interação entre essas duas ordens de fatores, um pressuposto bastante